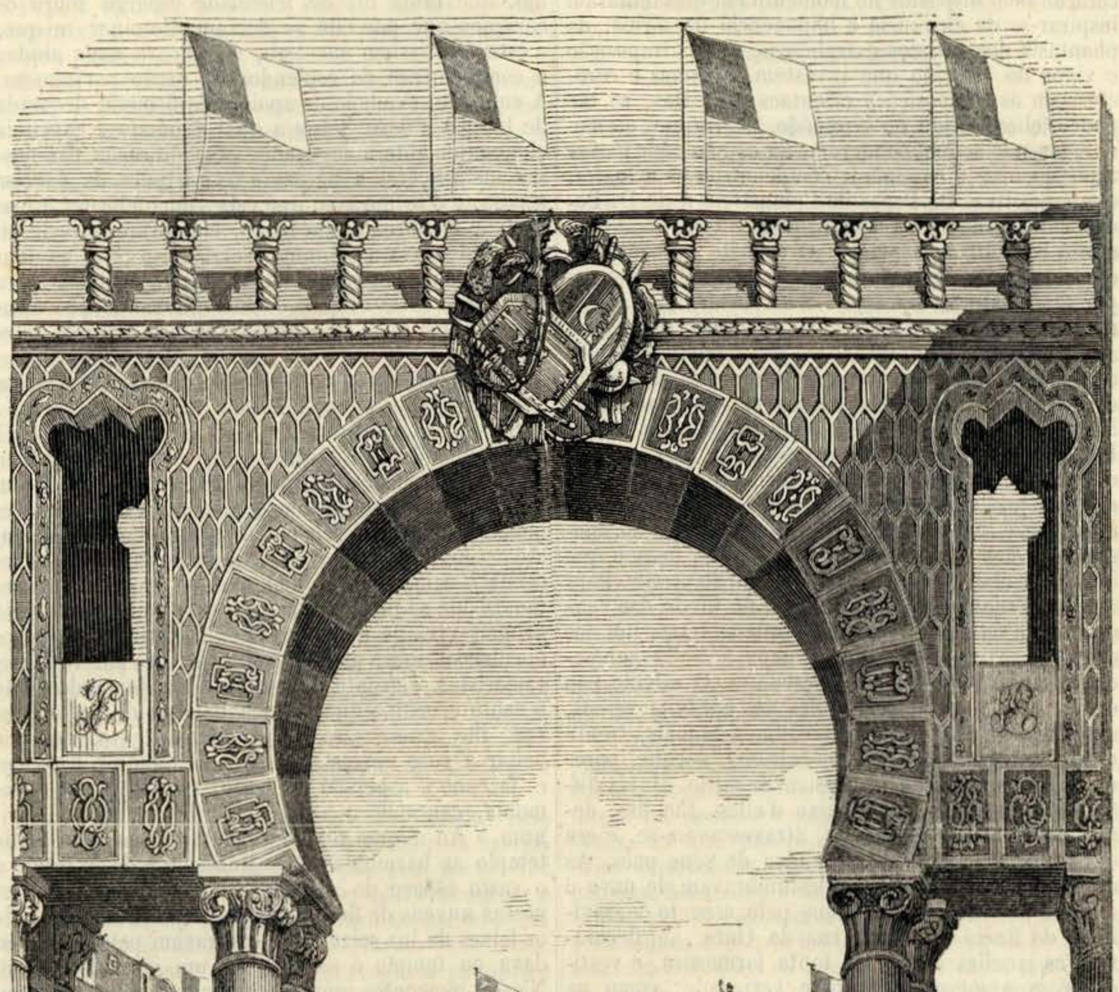


Perspectiva da Praça de D. Pedro, através do arco da rua do Ouro, no dia do consorcio real — Desenho de Nogueira da Silva. — Gravura de Coelho.

CONSORCIO REAL. (Conclusão).

O arco do fundo da rua do Ouro, bem como o da rua da Prata, vistos de perto, desmantelavam cruelmente as impressões d'aquelle bello effeito, porque estavam pesados e sombrios, como verdadeiros sepulchros. De todas as decorações que a camara levantou, eram aquellas onde a arte foi mais

abafada. Não tinhàm os seus auctores a alma e o coração bem dispostos no momento em que tentaram inspirar-se da elegancia e imponencia da fórma, da phantasia dos ornatos e arabescos, da contraposição e vigor do colorido que revestem, animam e caracterisam as composições orientaes.... Mas, se tão pouco felizes foram no arremêdo, acertaram, ao menos, em não se arrependerem. Se os não pôde mover a poesia, que é enganosa, compenetrou-os a logica, que é positiva. Da Praça do Commercio á de D. Pedro ia uma distancia não pequena. Ora, a alegria muito continuada aborrece. O espirito humano não é exclusivo. Nunca o prazer por si só o deleitou, nem por si só o atormenta a dor. É a constancia, é a permanencia de uma mesma vida, qualquer que seja a sua natureza, alegre ou triste; é a monotonia que o desgosta e mata, porque a lei eterna da sua felicidade é a variedade. Além da distancia dos caminhos, havia a distancia do tempo que duravam as festas. Por conseguinte, tornava-se necessario não saciar a espectativa do publico logo ao primeiro dia, e no começo do jubilo. Carecia-se de medir a capacidade dos espiritos, e, em harmonia com os resultados da operação, postar aqui e acolá alguma cousa, fosse o que fosse, que abortasse o trasbordamento do prazer. Para tão beneficente fim levantaram-se no fundo das ruas do Ouro e da Prata os arcos de que se trata, um dos quaes deve as honras da estampa á bella perspectiva que atravez d'elle se descobria. O calculo não errou. Á proporção que d'elles nos aproximavamos, desertava da alma a alegria. Olhava-se mais attenta e fixamente para tão informes colossos, porque, parecendo ameaçar-nos, nos transiam de medo. Havia difficuldade em passar por baixo d'elles. Em fim, depois de repetidas hesitações, atravessavam-se, e era então que se atinava com a idéa de seus paes. As demonstrações do regozijo deslumbravam de novo o espirito ao desafogar os olhos pelo aspecto maravilhoso do Rocio. Como na rua do Ouro, ahi decoravam as janellas damas de tanta formosura, e vestidas com a mesma riqueza e variedade; como na Praça do Commercio, ahi desfraldavam aos ventos multiplicado numero de bandeiras bicolores; como n'uma e n'outra parte, ahi retinia pelos ares o estrondo das musicas; porém, depois de tão desagradavelmente distrahidos d'esses bellos effeitos, parecia-nos vêl-os pela primeira vez. Foi uma boa maneira de reanimar o gôzo.

A Praça de D. Pedro era realmente uma das superiores perspectivas que a cidade apresentava, e a idéa de a consagrar á representação do hymeneo foi bem deduzida. Entre o elogio por onde pára a censura. N'aquelle vasto largo batia o coração da formosa Lisboa; proximo d'elle erguia-se o templo magestoso de Santa Justa, onde se haviam de celebrar as nupcias. D'alli, pois, devia o hymeneo chamar os regios consortes. Por outro lado o real esposo era um rei constitucional; como tal representava o seu povo, que mui naturalmente e por mais de uma razão se reuniria n'aquelle logar, em muito maior numero do que n'outra parte qualquer. Segundo o espirito das leis organicas da republica, com o rei, ou, antes do rei, participava a nação da sua felicidade, porque tão notavel acontecimento nascia de uma necessidade politica: evitar as luctas, quasi sempre funestas, de direitos duvidosos, preparando e segurando a continuação tranquilla das nossas liberdades. Pelo que, nem só o rei era esposo; era-o o povo tambem; era-o o povo e o rei. O voluptuoso hymeneo sorria, portanto, a ambos. Um e outro pensamento comprehendeu a camara e o auctor da estatua.

Bem alto, como para receber as bençãos do ceo, surgia o hymeneo, voltado para o lado da Praça do Commercio, chamando com a mão esquerda os reaes esposos, e agitando com a direita o facho do seu genio, que tanta luz de felicidade esparge sobre os corações que por elle se deixam illuminar, e que, n'este faustissimo successo, significava mais ainda: o complemento do esplendor da nação portugueza. A columna, symbolo do apoio e da firmeza, decorada de branco e ouro, sobre a qual dominava, exprimia eloquentemente a segurança e solidificação das nossas instituições, a pureza e as virtudes da excelsa esposa, e o brilho com que esta vinha adornar a magestade do throno. Em baixo, em torno do pedestal que sustentava a columna, sorriam ao povo as quatro estações, em signal de satisfação, voltadas para a circumferencia do paiz, como ordenando aos campos que não mais se cobrissem com o lucto da esterilidade.

Deus ouça a voz dos desejos, que tão imaginosos symbolos expoz ás suas divinas vistas!

Sigamos o prestito.

Era uma hora e trinta e cinco minutos quando o real cortejo chegou ao templo de Santa Justa. Assim como no desembarque, suas magestades foram recebidas e conduzidas sob pallio pela camara municipal até ao guarda-vento, onde, sob pallio tambem, os recebeu o cabido patriarchal para se proceder á ceremonia que se pratica sempre que os reis entram pela primeira vez na sé metropolitana. Os regios esposos ajoelharam sobre as almofadas que lhes pozeram dois camaristas, defronte do cabido. Este, tomando então o santo crucifixo que, n'uma bandeja de prata dourada lhe apresentára o conego assistente, deu-o a beijar a suas magestades. Depois tomou o hyssope, e, fazendo a aspersão do estilo, terminou esta ceremonia, cantando a antiphona «Elegit Deus Dominum.» Ao mesmo tempo rebentaram no interior do templo as harmonias do «Mahomet» de Winter, e o vasto espaço do sagrado recinto toldou-se de espessas nuvens de flores, cujo variado matiz, colorindo os feixes da luz solar que penetravam pelas janellas, dava ao templo o aspecto de um verdadeiro ceo. N'estes momentos ignorámos o que se passava no pavimento. Os sentidos estavam profundamente absortos na magia d'aquella vida celeste que sobre as nossas cabeças se abria. Só depois, quando, olhando para a capella mór, démos com el-rei e a rainha no throno real, junto ao genuflexorio, concluimos que, durante tanto movimento de côres, de sons e de luz, corriam suas magestades a receber a benção de Deus.

Suas magestades ajoelharam, e o patriarcha, revestido de pluvial, formalio, mitra preciosa e falda, subindo ao altar, acompanhado das seis dignidades mitradas, abriu as festas religiosas do real consorcio, cantando os versiculos e orações que precedem a missa esponsalicia. Terminados estes, o prelado subiu ao solio, levantado á esquerda do throno real, e deu principio á missa «pro sponsa et sponso», rezada pelo deão, finda a qual, desceu do solio e veiu sentar-se na cadeira gestatoria collocada em frente do altar-mór, voltado para o corpo da egreja. Então, o duque mordomo-mór convidou suas magestades a receberem as bençãos. Os reaes esposos, dando a mão um ao outro, apresentaram-se ante o prelado, o qual, tanto que suas magestades chegaram, se levantou, e lhes fez uma profunda reverencia. Depois, o mesmo duque convidou as quatro testimunhas nomeadas para a ratificação do matrimonio, os srs. marquezes de Nisa, da Ribeira Grande, de Fronteira e de Vallada, a aproximar-se. Em seguida, e conservando-se todos de pé, o patriarcha, dirigindo-se a sua magestade el-rei, lhe perguntou:

— Vossa magestade ratifica o matrimonio celebrado por procuração de vossa magestade a 29 d'abril, na cidade de Berlin, com a real princeza Estephania de Hohenzollern, aqui presente?

— Ratifico, respondeu sua magestade.

Depois voltando-se para a rainha, lhe fez analoga pergunta, á qual sua magestade respondeu com a mesma palavra.

Então o prelado subiu ao altar, do lado do Evangelho, os dois assistentes mitrados apresentaram-lhe o ritual, um terceiro aproximou-se com a candela, e sua eminencia, rezando em canto festivo, lançou as bençãos nupciaes aos regios desposados. Este solemne momento foi annunciado á cidade pelos repiques da egreja, aos quaes corresponderam com estrondosas salvas, o castello de S. Jorge, as fortalezas, e navios de guerra. Unidos por Deus, suas magestades, com o rubor do jubilo santificado nas faces, voltaram para o throno real. Descendo o prelado os ultimos degráos do altar, ajoelharam todos, e ao romper dos canticos da primeira parte do «Tantum Ergo» se patenteou no throno do templo a Sagrada Eucharistia. Seguiu-se o «Te Deum» expressamente composto para tão grande festividade por Manoel Innocencio, e cujo solo de soprano «Te-Ergo» com acompanhamento obrigado a trompa, muito mereceu os elogios dos entendedores. Foram setenta e dois os instrumentistas, e sessenta as vozes que o desempenharam. Cantou os versiculos e preces d'acção de graças o proprio patriarcha. Finalmente, o diocesano assistente foi buscar a custodia, entregou-lh'a, e depois de sua eminencia deitar com ella as tres bençãos do Santissimo, encerrou-se o Sacramento, eram tres horas da tarde, retirando-se o cortejo real da mesma fórma que tinha entrado, mas sem pallio, aos sons de uma segunda symphonia de Winter, o «Salomão».

D. Pedro v e D. Estephania estão unidos pelo seu amor, pelas leis politicas do estado, pela egreja, e pelas manifestações publicas do seu povo. Não houve canto algum do paiz, onde não rebentasse o grito de saudação. Durante as cinco noites de festa, as principaes cidades do reino douraram-se de luzes. Em todas as classes da familia portugueza palpitou o regozijo. Provaram-no pela alegria dos rostos, pelas galas com que se revestiram, pelas festas que fizeram, e pelos actos de beneficencia que praticaram em honra do auspicioso consorcio d'el-rei. O exercito e marinha decoraram os seus quarteis e arsenaes com as mais vistosas illuminações. Pelas bellas-artes, Constantino offereceu á rainha doze cartões de flores sinzeladas pela sua propria mão. Poetas de primeira nota cantaram em versos de rosas o real consorcio. Muitas associações inauguraram escholas para alimentar o espirito dos orphãos e filhos dos artistas. O coração dos homens de trabalho foi brilhantemente representado pelos operarios da fabrica de tecidos de lãs de Lafaurie, que destribuiram um excellente bodo a 110 necessitados. A philarmonica «Alumnos de Minerva» juntou a poesia de seus instrumentos á poesia d'este sentido acto, tocando escolhidas peças de musica.

El-rei talvez não esperasse tanto, e o povo não lhe podia mostrar mais que era digno do seu amor e gratidão.

Temos descripto a celebração official do real consorcio, e o regozijo publico e espontaneo, de maior brilho ainda, com que foi adornada. Agora restava-nos fazer votos pela felicidade dos regios esposos. Mas sendo, como nós a entendemos, esta felicidade dependente e indesligavel da felicidade do povo portuguez, limitar-nos-hemos a volver olhos d'esperança para Deus, em cuja providencia estão os destinos da primeira parte d'ella, e para os peitos de D. Pedro e D. Estephania, em cujos corações reside a sorte da segunda.

NOGUEIRA DA SILVA.

ANTONIO DINIZ DA CRUZ E SILVA

(ELPINO NONACRIENSE).

III.

Não é possivel determinar precisamente o tempo que Diniz se conservou em Elvas no exercicio do cargo de auditor, do qual, como já se disse, tomára posse em 1764. As memorias que obtivemos guardam completo silencio quanto a este ponto. Sabe-se apenas de certeza, que estava em Lisboa a 20 de janeiro de 1774, pois que n'esse dia conseguiu pela ultima vez que, após um lethargo de dez annos successivos, a Arcadia désse ainda momentaneas mostras de vida, celebrando nas salas do palacio do morgado de Oliveira (depois conde de Rio-maior) uma conferencia em applauso e commemoração dos feitos gloriosos do primeiro ministro d'el-rei D. José.

Quão differente, porém, era esta reunião, se a compararmos com as que, dezeseis annos antes, fazia aquella sociedade em seu vigor nascente, cheia de vida, e animada de esperanças! Garção e Quita, seus mais distinctos ornamentos, já não existiam desde alguns annos; aquelle expirando nas prisões do Limoeiro, este morto com signaes vehementissimos de veneno propinado (segundo o que então correu) por um marido zeloso. O bom Candido Lusitano acabava de fallecer no anno precedente, fulminado de apoplexia, que o assaltára na villa de Mafra.

O resto dos fundadores, que a morte poupára até então, desacordes entre si, com rarissimas excepções, tinham abandonado de todo a Arcadia, e não havia forças que podessem congraçal-os. Diniz o tentou por vezes, ao que parece, buscando reanimar-lhes os brios amortecidos, mas viu frustradas as suas diligencias. Ao menos é isto o que podêmos colligir do soneto XVI da centuria II, em que elle deplora com viva magoa o estado lastimoso de devastação a que estavam reduzidos os bosques da Arcadia por effeito da discordia que lavrára entre seus pastores. Se algumas acquisições tinham tido logar no intervallo para preencher a falta dos dissidentes, eram de sujeitos que, em geral e a todos os respeitos, valiam menos que elles.

Assim, esta sessão da Arcadia, a ultima de que nos ficaram vestigios, passaria completamente desapercebida, se não vissemos consignados nas poesias impressas de Diniz uma ode e um dithyrambo por elle recitados n'aquella occasião, em que tambem tomou alguma parte o seu inseparavel amigo e consocio Theotonio Gomes de Carvalho.

Temos por provavel, que não mais voltasse a Elvas, e que permaneceria em Lisboa sem interrupção até ser no anno de 1776 despachado desembargador para a relação do Rio de Janeiro, e não da Bahia, como erradamente disseram alguns dos seus biographos. Tal opinião corrobora-se pelo facto de aqui o acharmos no acto da inauguração da estatua d'el-rei D. José, em junho de 1775, para cujo festejo concorreu com a ode que compoz, e é a terceira na edição das suas poesias, tom. V a pag. 42. Esta ode imprimiu-se na propria occasião em folha avulsa, e foi (segundo crêmos) a quarta e ultima das composições que o poeta assentiu a dar ao prelo durante a sua vida.

Todas as mais só viram a luz depois do seu fallecimento, e por diligencias de diversos editores. Seria que um falso preconceito lhe fizesse olhar como deshonroso para a toga que o decorava, ir mendigar perante o publico nome e applausos de poeta, sujeitando-se ás criticas dos aristarcos e á mordacidade dos zoilos? Ou antes, porque um sentimento de natural e modesta desconfiança o incitasse a polir in-

cessantemente as suas obras, no intento de só as publicar quando tivessem attingido o gráo de perfeição que se propunha dar-lhes, escrupuloso em seguir á risca o tão proficuo quanto hoje desprezado dictame horaciano:

. . . . Nonumque prematur in annum,
Membranis intus positis; delere licebit,
Quod non edideris: nescit vox missa reverti?

Este pensamento parece mais verosimil, se attendermos ao facto constante e innegavel de que Diniz jámais se dava por satisfeito de suas composições, as quaes corrigia e emendava tanto quanto podia, ainda nos tempos mais proximos á sua morte: do que são prova as innumeras variantes encontradas nos ultimos originaes que conservava em seu poder, confrontados estes com outros de mais antiga data, e com as copias que, instado e a muito custo, condescendia em dar ás vezes aos seus mais intimos e affeiçoados amigos.

Seja como for, a publicação posthuma das poesias de Diniz é circunstancia que triumphantemente o justifica de uma especie de censura que pretendeu irrogar-lhe o erudito Sismondi na sua tão conhecida obra *De la Litterature du Midi de l'Europe*, tom IV da edição de 1829, pag. 554. Diz aquelle estimavel, e quasi sempre judicioso critico, a proposito dos sonetos d'Elpino (citâmos de memoria, porque não podêmos verificar n'este momento as palavras textuaes da accusação sem grave incommodo nosso): « Admiro-me de que um homem de talento ouse imprimir trezentos sonetos sobre assumptos tão triviaes: e muito mais ainda me admiro de que elle ache leitores em nossos dias! » Vê-se, pois, que o critico procedia na errada persuasão de que fôra o proprio Diniz quem publicára as suas obras. De outra sorte, como criminal-o pelo que fizeram os seus editores sete ou oito annos depois que elle deixára de existir?

Pois que entrámos n'esta digressão, permitta-se-nos que rectifiquemos mais duas asserções do mesmo Sismondi na obra e logar apontados, as quaes não devem escapar sem correctivo, para que não mais induzam em erro os leitores desprevenidos, que na falta sempre lamentada, e ainda não supprida, de uma historia da litteratura nacional traçada por penna portugueza e para portuguezes, tiverem de mendigar em escriptos estranhos as idéas e noções que lhes fallecem; escriptos que, por mais illustrados, conscienciosos e imparciaes que devam julgar-se os seus auctores (o que nem sempre acontece), apparecem por via de regra, e, diga-se affoutamente, sem excepção, inquinados de erros, omissões, e descuidos inevitaveis, que assaz prejudicam a quem procura a verdade, tornando-se outras tantas fontes inficionadas e damnosas ao uso dos que d'ellas se aproximam. D'aqui resultam o transtorno dos factos, as apreciações inexactas, e por fim a impossibilidade de discernir entre o real e o supposto. Lavra o contagio, perpetuam-se os erros, e não ha mais meio para evital-os. Milhares de exemplos a proposito se offereciam para comprovar o que avançâmos; mas não são aqui o logar e a conjunctura proprios. Talvez o faremos mais d'espaço, e em occasião opportuna, se a vida nos não faltar, e as circunstancias nol-o consentirem.

Diz, pois, o referido Sismondi: « que Diniz imitára entre outros poemas inglezes *The Rape of the Lock* de Pope. » Quem assim escreveu estava certamente mui mal informado. Não nos consta que existisse jámais tal imitação: ninguem dá noticia de a ter visto, nem vestigios d'ella. Duvidâmos até de que Diniz possuisse o cabedal e intelligencia necessaria da lingua ingleza para a intentar. Comtudo, outro auctor a nosso respeito mais erudito e sciente, qual é o sr. Ferdinand Dinis, no seu *Résumé de l'Histoire Littéraire du Portugal*, pag 420 e 421, não duvidou reproduzir o errado asserto, dando como existente a pretendida imitação, e reportando-se para isso ao testimunho de um *critico estimavel*, que não póde ser outro senão o proprio Sismondi.

Ao lado d'aquella, figura a outra asserção não menos inexacta, de que *um dos volumes das poesias de Diniz, impresso em* 1807, *se compunha de imitações de poesia ingleza*. Não ha impresso n'esse anno mais que o primeiro tomo, que unicamente comprehende os sonetos; e nem n'este, nem nos seguintes, publicados successivamente e com largos intervallos, se divisam taes imitações, nem cousa que, ainda remotamente, se assimilhe ao caracter que o critico lhes assigna, qualificando-as de *ligeiras satyras do bello-mundo, cujos quadros, por muito fieis, só podem ser apreciados plenamente por aquelles que conhecem os originaes, e percebem as numerosas allusões que alli se encerram, as quaes de outro modo são difficeis de comprehender*. Percorrendo os seis volumes das obras de Diniz, confessâmos singelamente que não vemos em todos elles cousa a que possa applicar-se tal arrazoado.

Voltemos á historia.

Despachado, como dissemos, para a relação do Rio de Janeiro, aos quarenta e cinco annos de sua edade, Diniz embarcou para o seu destino em 1776. A bordo do navio que o transportava ia tambem, segundo crêmos, o distincto poeta brasileiro Ignacio José de Alvarenga Peixoto, mancebo então de vinte e oito annos, que tendo findado o triennio no logar de juiz de fóra de Cintra, regressava para a sua patria, nomeado para ir servir o cargo de ouvidor da comarca do Rio das Mortes na capitania de Minas-Geraes. Quem poderia antever a este tempo que, treze annos mais tarde, seria Diniz um dos juizes que teria de sentenciar á morte de forca o seu companheiro de viagem, como um dos chefes da premeditada revolução, de que logo fallaremos? Notavel e vertiginosa instabilidade das cousas humanas!

O poeta quiz deixar-nos como que o itinerario minucioso e completo d'esta sua viagem em um soneto, que é nos seus impressos o XXI da centuria II. Ainda que o merito poetico d'esta poesia seja bem diminuto, não se estranhará todavia que aqui a transcrevamos como documento e narrativa historica, em que se dá razão clara de todo o acontecido.

Saímos pela barra com bom vento,
Mas ao terceiro dia de viagem
Se alçou do noroeste tal aragem,
Que ás vagas arrojava ao firmamento.

Socegado este horrendo movimento,
Em que roncava o mar como um selvagem,
Vimos ao sexto dia de passagem
A vinosa Madeira a balravento:

Na barba da cruel Serra-Leôa
Oito dias soffremos calmaria,
E o crebro fusilar com que o ceo troa:

Passámos logo a linha ao quarto dia,
E surgimos com toda a gente boa
Aos sessenta do Rio na bahia.

Desembarcado, pois, ao fim de dois mezes de viagem, no Rio de Janeiro, Diniz tomou posse e entrou no exercicio do seu novo cargo. Costumado a conciliar as austeras funcções do officio de julgador com o trato ameno das musas, durante os onze annos consecutivos de residencia no Brasil augmentou consideravelmente os seus haveres poeticos. São d'esse tempo uma boa parte dos seus sonetos, algumas odes pindaricas, e varias outras obras, que andam na collecção dos seus versos.

O espectaculo magestoso que aos olhos e á contemplação do observador curioso e illustrado offere-

ce aquelle vasto continente em sua estranha e riquissima variedade de productos naturaes de todas as especies, não podia ser para a alma de Elpino um objecto indifferente. Achou ahi incentivo para novos estudos, com que se recreava e instruia. D'entre os diversos ramos da historia natural, que mais ou menos cultivou, mereceu-lhe mais especial predilecção o da mineralogia. Fez por vezes largas excursões, tanto na capitania do Rio de Janeiro, como na de Minas-Geraes; e dos resultados colhidos n'estas digressões scientificas chegou a escrever, segundo se affirma, dois grossos volumes de folio, cheios de observações e descripções mineralogicas. É para lamentar que estes volumes se extraviassem depois por sua morte, com as obras juridicas que se diz compozera, e outras a que já tivemos occasião de alludir. As suas *metamorphoses*, escriptas tambem n'este tempo, e que subsistem, dão ainda idéa do modo como elle julgava possivel adornar com as flores da poesia os quadros da natureza que tinha presentes. Parece em verdade que não fôra mui feliz n'aquellas inspirações, visto que, na opinião de sisudos e imparciaes criticos, as taes metamorphoses são (á parte a escolha dos assumptos) as mais inferiores



Ruinas da egreja do Carmo em Lisboa. — Vista exterior. — Desenho de Nogueira da Silva. — Gravura de Coelho Junior.

de suas composições, especialmente no que diz respeito á metrificação.

Assim correu o tempo até chegar o anno de 1787. N'este, ou porque elle o sollicitasse, ou porque lhe competiria por escala, foi-lhe expedido o decreto que o transferia para a relação do Porto. Depois de feitas as suas disposições, embarcou-se para Portugal, dando ao Brazil um adeus, que elle provavelmente julgou ser o ultimo, bem alheio de pensar que acontecimentos extraordinarios e totalmente fóra do alcance da previsão humana, o levariam de novo áquellas plagas, com tanta brevidade, como vamos ver.

(Continúa).

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

EGREJA DO CARMO EM LISBOA.

Da antiga egreja do Carmo em Lisboa não restam senão ruinas. Aquelle bello exemplar d'architectura gothica caiu quasi todo por terra, e o tempo não faz mais do que juntar, sobre o que resta, profanação a profanação.

Foi no tempo de D. Sancho II que a ordem dos carmelitas calçados, uma das mendicantes, entrou em Portugal. Na villa de Moura teve o primeiro convento, fundado por uns cavalleiros maltezes, que ao reino tinham aportado em companhia d'alguns carmelitas.

Quando nos campos de Aljubarrota se ia sentenciar a causa da independencia portugueza, mais uma vez ameaçada pelo poder de Castella, o mestre d'Aviz

e o condestavel D. Nuno Alvares Pereira, invocaram o favor supremo contra a eventualidade da derrota. O triumpho coroou dois votos, e dois votos traduziram-se em dois preciosos monumentos de architectura christã. D. João I lançou fundamentos ao mosteiro da Batalha, essa Illiada de pedra, historia eloquente d'uma epocha gloriosa: o condestavel levantou em Lisboa a egreja do Carmo, cujas ruinas ainda ahi estão para attestar a grandeza do pensamento e a elevação da arte.

Pelos annos 1389 foi, ao que parece, começada a obra, que só se concluiu em 1422. Entretanto, antes de concluida, vieram para o mosteiro em 1397 os religiosos da villa de Moura.

O preço modico dos salarios d'então explica como um particular, ainda que poderoso, teve meios de levar a cabo tamanha obra. No livro dos brasões e armas das familias do reino se diz que os officiaes, que trabalharam n'este edificio, ganhavam treze réis por dia, ou o valor de dois alqueires e meio de trigo, que n'esse tempo se vendia a cinco réis o alqueire.

Áquelle templo, a que se ligavam tantas recordações nacionaes, deu o fundador a invocação da Senhora do Vencimento. Depois elle mesmo, o maior capitão da sua epocha, o salvador da monarchia, desprezando a gloria de tantos combates, foi alli depor a espada e curvar a fronte á obediencia monastica; e lá mesmo, no habito de religioso, na obscuridade do claustro, falleceu n'uma pousada junto da portaria. O seu tumulo, mandado de França pela sua quarta neta a duqueza de Borgonha, estava na capella mór, do lado do Evangelho. Na frente d'elle, armado de armas brancas, havia o vulto de D. Nuno; mas, sobre a campa, já a mesma imagem avultava vestida com um habito de leigo carmelita. Sua mãe Iria Gonçalves jazia sepultada ao pé d'elle, n'um como nicho, aberto na parede.

A inscripção gravada n'aquella campa era uma antithese gloriosa. O condestavel de Portugal, o vencedor de Castella, o progenitor de principes e reis, o que ganhára tantas victorias, o que conseguira tantos triumphos, o que se elevára acima de tantos guerreiros, e merecêra uma fama immortal, desprezára o mundo, pisára as suas pompas, e fôra depor tantas glorias e tantas coroas aos pés do altar! Depondo o arnez, despindo a couraça, encostando a lança, o heroe que enchêra o mundo, vestira a tunica grosseira, cingíra a corrêa humilde, tomára o bordão de mendicante, e acurvado mais ao peso da gloria que dos annos, fugira do seculo para se esconder na estreiteza do claustro!

D. Nuno dotou aquella casa com muitas rendas no termo de Lisboa, e n'outras partes. Por isso lhe diziam alli duas missas quotidianas, uma cantada da terça conventual, e outra rezada. Segundo se vê da inscripção gothica, e sua traducção, que ainda se conservam no umbral esquerdo exterior da porta principal, a egreja foi sagrada em 1523. A inscripção diz assim:

NA ERA DE 1523 A 30 DIAS DO MES DE
AGOSTO, FOI SAGRADO ESTE MOSTEIRO POR
DÕ AMBROSIO, BPO. DE RVSIONA Q. CONCE
DEO A TODOLOS VISITÃTES ESTA CASA 40
DIAS DE REMISÃ DOS PECCADOS E PELA
ORDẼ SÃ CÕCEDIDOS 400 AÑOS E 85
CORESMAS DE PERDÃ E CADA DIA DO OV
TAVR.° 85 AÑOS E 85 CORESMAS DE PER
DÃ, A QVAL CÕSAGRAÇÃ SE FES PELA ALMA
BRÃCA ROIZ TALHEIRA Q. DEIXOV SVA
FAZẼDA AO MOSTEIRO DE NOSSA SRA.

Na hombreira da direita, em correspondencia com esta inscripção, tem outra, tambem nos dois caracteres, que teve por cima uma cruz, côncedendo indulgencias, n'estes termos:

TODO FIEL CHRISTÃO Q. BEI
JAR ESTA CRVS GANHA QVA
RENTA DIAS DE PERDAM
CLEMẼTE 7.° E PIO 5.° CONCEDERÃO
AOS FIEIS XPÃOS QVE VISITAREM
AS IGREIAS DE N. SRA. DO CARMO AS
INDVLGENCIAS DAS ESTAÇÕES DE
ROMA DE DENTRO E FORA DOS MVROS
TENDO A BVLA DA S. CRVSADA.

Em 1551, em que, por mandado do arcebispo de Lisboa D. Fernando, o seu guarda roupa Christovão Rodrigues de Oliveira escreveu o *Summario em que brevemente se contam algumas cousas, assim ecclesiasticas como seculares, que ha em Lisboa*, que no mesmo anno, sem o nome do auctor, saíu impresso n'esta cidade por German Galharde; tinha o mosteiro do Carmo, além de dez servos, setenta frades, trinta dos quaes presbyteros, sendo obrigados pelos bens que possuiam, e rendiam então dois mil cruzados, a dizerem cento e quatro missas rezadas, vinte cantadas, e trinta e dois anniversarios. Na egreja havia oito capellas, de administradores, todas de missa quotidiana, e mais seis confrarias, a da Senhora do Carmo, governada por pessoas honradas, a da Senhora da Piedade, a da Vera Cruz, a de Santa Luzia, a de Santa Anna, e a de S. Roque, todas as quaes rendiam então quinhentos cruzados.

O terremoto de 1755 arruinou o convento, e lançou por terra a egreja, de que não ficaram de pé senão as paredes exteriores. Os religiosos, levando comsigo a imagem da Senhora, fugiram para o Campo-grande, onde fizeram barracas em que viveram até vespera de natal. N'esse dia passaram para uma ermida que tinham mandado fazer ás Amoreiras, junto ao arco das aguas livres.

As ruinas do frontispicio, que a nossa gravura representa, são da construcção primitiva; mas as columnas e arcos interiores, que dividem as naves, mostram que depois do terremoto se tentára a reedificação, com o bom juizo de conservar a unidade da architectura.

O templo, muito banhado de luz, era de tres naves, onde havia quatro capellas de cada lado. A capella mór, allumiada por grandes janellas na ordem inferior, não tinha menos de onze na ordem superior. A cada um dos lados d'esta capella havia duas lateraes, maiores, e menores. Por cima dos altares lateraes, nas naves, mettida nas paredes até ao cruzeiro, havia uma galeria, com entrada pelo interior do convento e pelo coro, deitando para a egreja uma tribuna sobre cada um dos ditos altares.

As dimensões internas do templo são as seguintes: Comprimento da porta ao altar mór 327 palmos. — Largura das tres naves 100. — Altura do templo 112. — Vão dos arcos que separam as naves 27. — Altura d'estes (era) 78. — Largura da capella mór 30. — Altura (era) 70. — Largura do cruzeiro 40. — Comprimento (era) 150.

DIOGO ROTHSCHILD.

(Continuação).

De 1824 até 1830 eclipsa-se o nosso heroe completamente. Os jornaes só lhe pronunciam o nome de longe em longe, por occasião d'algumas modicas esmolas, que faz aos pobres de Paris. Folheando as gazetas d'aquella epocha, acha-se no *Constitutionnel* a aproximação de duas noticias, que de certo não foi effeito do acaso. A primeira diz:

« O eminente artista barão de Cornelios acaba de enviar cinco mil florins (1.760.000 réis) aos pobres da cidade. » — *Journal de Francfort.*

E immediatamente abaixo:

« O celebre banqueiro barão Diogo de Rothschild acaba de enviar 500 francos (80:000 réis) aos pobres relacionados no escriptorio da caridade. » — *Moniteur.*

No dia seguinte reproduzia o *Figaro* estas duas novas, acompanhando-as da seguinte acerada nota:

« Em verdade a imprensa é d'uma revoltante parcialidade! Porque mencionará as acções generosas d'uns, e guardará silencio sobre as de outros? Um dos nossos redactores, guardadas as proporções de riqueza, mostrou-se hontem infinitamente mais caridoso do que Rothschild. Deu dez réis a um cego da ponte das artes. »

Todos os escriptores que tem estudado o caracter d'estes judeus repletos d'ouro, tem descoberto numerosos vestigios da mesquinhez que distinguia seus correligionarios na edade média. N'isto podêmos apoiar-nos n'um artigo de Alexandre Weil, jornalista original, cujas revelações tem o sêllo da veracidade e da franqueza.

« Todos os Rothschildes, diz n'um folhetim do *Corsario,* tem uma ordem extrema, sem excepção de nenhum. A senhora Rothschild mãe, que eu conheci pessoalmente, e que em 1849 morreu mais que macróbia, era a velha mais economica da rua dos Judeus em Francfort.

« Os Rothschildes gastarão milhões em palacios e terras, para que o bom Deus dos Christãos não os possa arruinar; mas todos juntos nunca chegarão a gastar 80:000 réis, nem por uma idéa, nem pelas bellas-artes, nem pelas obras litterarias, salvo se se chama proteger bellas-artes comprar por oito contos de réis quadro que vale dez contos. »

O barão Diogo, por causa da sua sordida avareza, tem estado continuamente exposto aos rasgos da malignidade publica. Para elle expressamente se renovou o bom dito do presidente Roze. Eis em que circunstancias.

Achando-se n'um salão da calçada de Antin, foi sollicitado por uma bella, que tirava esmola para os pobres, e deu alguma cousa. Por acaso n'essa occasião tinha a dama voltado a cabeça para o lado, e não deu por isso. Alguns segundos depois, voltando-se de novo, lhe disse, compondo o mais doce sorriso:

— Para os pobres, se é do vosso agrado, senhor barão.

— Já dei! (disse Rothschild, com um accento de máo humor).

— Perdoae (murmurou ella), ainda que não vi, creio no que dizeis.

— E eu (disse uma espirituosa princeza que alli estava, intromettendo-se no dialogo) vi-o, mas mal posso crel-o.

Um dia contavam com a maior seriedade em presença de Scribe, que o barão Diogo tinha perdido na vespera dez luizes ao jogo, sem proferir palavra.

— Não ha n'isso nada que surprehenda (disse o escriptor francez). As grandes dores são mudas.

A todos os instantes se ouvem novas e cada vez mais curiosas historias proprias a vilipendiar o filho de Pluto, e perdel-o na opinião. Não deve passar-se em silencio a do jardineiro Pâquet.

Por meio de processos pouco conhecidos então, mas que pela sciencia de hoje a ninguem já admiram, tinha o jardineiro obtido, no mez de janeiro, tres magnificos pecegos. Todos corriam a admirar nas suas estufas este prodigio. Rothschild tambem foi.

— Em verdade (disse elle) os vossos pecegos são admiraveis! Quanto pedis por elles?

— Duzentos e quarenta mil réis, senhor barão.

— Devéras!

— É como vol-o digo.

— Tres pecegos por duzentos e quarenta mil réis, meu Deus; e tres pecegos que talvez nada valham!

— Quanto a isso (disse o horticultor chocado) ides ter immediatamente prova em contrario.

Pâquet deitou mão a um dos fructos, partiu-o ao meio com uma linda navalha de folha de prata, offereceu metade a Rothschild, e comeu a outra metade.

— Que dizeis agora, senhor barão? Sois bom conhecedor, e eu confio na delicadeza do vosso paladar.

— Muito bom, delicioso (disse Rothschild, mastigando o pecego).

— É da melhor qualidade. Ao ar livre esta especie só amadurece em principios de setembro.

— Vejamos: o que pedis não é de certo o ultimo preço.

— Perdoae; como já tive a honra de vos dizer, são duzentos e quarenta mil réis.

— Estaes brincando (exclamou o judeu); não reparaes que ha já um pecego de menos.

— Não importa: para vós são sempre duzentos e quarenta mil réis. São fructos de millionarios; não abaixo nem um ceitil.

Rothschild comprehendeu em fim a lição; fez apanhar os dois pecegos, e pagou.

D'aqui a pouco teremos de contar do mesmo homem actos de maravilhosa liberalidade. Achando tamanhas contradicções no estudo d'este caracter, o psycologo espanta-se, e cáe do mais alto das nuvens. Em Rothschild ha duas naturezas mui distinctas; d'uma parte o judeu rapace e tradicional, materialisado por dois mil annos de rancor social, de servidão, e de opprobrio; da outra o homem de finanças, intelligente, que sabe a tempo fazer um sacrificio, e perder um milhão, se o sacrificio lhe attrahe grande numero de negocios lucrativos, ou se a perda o salva de uma situação critica.

Nos successos de 1830 Rothschild tombou para os vencedores, com as mãos cheias de ouro. A monarchia das barricadas não teve maior sustentaculo. A baroneza, repellida pela antiga corte, era perfeitamente acolhida pela nova. Jantavam no palacio real muitas vezes por semana, e os filhos do rei nunca faltavam nos saraos da rua Laffitte. Já não era Israel que batia ás portas da realeza, era a realeza que primeiro dava o flanco, e se fazia judia. Era para ver como se empavonavam!

O barão continuava na calçada d'Antin as tradições do nobre bairro, e representava a aristocracia decaída, como uma caricatura de Nadar representa na exposição o mais bello dos quadros de Ingres, ou de Horacio Vernet. Quanto á baroneza, essa substituia em Dieppe a alteza real, duqueza de Berry, e a ingrata cidade de Ango perdia a memoria da sua bemfeitora, recebendo em seus muros a nobreza das finanças; e com mais orgulho, que outr'ora mostrára acolhendo a velha nobreza historica, olhava com admiração para a esposa do judeu, que todos os dias almoçava no estabelecimento dos banhos, servida por dez grandes lacaios agaloados d'ouro.

Nunca em Dieppe o luxo real ostentára tamanhos esplendores! Mas em compensação a boa duqueza dotava regularmente, durante a estação dos banhos, cinco ou seis pares d'amantes pobres. Os corações reconhecidos conservam esta lembrança. O que não se aponta é nenhuma rapariga casada á custa da baroneza!

No reinado de Luiz Filippe a influencia de Diogo Rothschild foi crescendo de dia para dia. Era o reinado do agio, e a historia sem duvida lhe conservará este nome, como um castigo merecido. Não havia nem honra, nem espada: o papel de credito era rei. Viu-se mesmo, ó dor! a litteratura e as artes pros-

tradas ante o altar de Mammona! Escriptores de talento, artistas distinctos, disputavam a gloria de entrar no palacio da rua Laffitte, e muitas vezes viam-se excluidos, porque Diogo, por excesso de descuido, mais do que por delicadeza, mostra-se difficil na escolha dos seus convivas. Diz-se que nunca foi amavel senão com um unico homem de letras, Henrique Heine, que acolhia familiarmente; o qual mais de uma vez se divertia á custa do barão, fazendo-o victima da sua mordacidade.

No fim d'um banquete sumptuoso, onde se tinham aberto muitas garrafas de *Lacrima Christi*, o barão disse ao poeta:

— É um nome bem extravagante! D'onde vem elle?

— Oh! (respondeu Henrique) a etymologia é mui simples. *Lacrima Christi*.... traduzi.... Christo derrama lagrimas, quando os judeus bebem vinho tão bom!

— Chocarreiro! diabolico chocarreiro! (disse Rothschild, rebentando de riso).

De ordinario conversavam no dialecto judeu allemão, porque o calimburgo era n'elle tão facil como na lingua franceza, e o barão comprehendia-o melhor.

Nunca debaixo de nenhum pretexto Henrique permittia a Rothschild que com elle tomasse os ares de nababo altivo, que lhe via tomar com outros. Se ás vezes lhes succedia discordarem, o homem de letras ameaçava logo o homem de finanças de publicar os seus dialogos na *Revista dos dois mundos!*

O barão tornava-se pallido de temor, e era quem fazia os mais humildes esforços para a reconciliação.

Leão Halevy, irmão do auctor da *Judia*, procurava desde muito ser apresentado em casa do seu opulento correligionario.

— Oh! (lhe disse Henrique Heine) se desejaes tanto conhecel-o, é porque ainda o não conheceis!

O que é facto é que o banqueiro judeu professa supremo desdem pelas leis da urbanidade. Na impolitica, e na replica grosseira, teve por modelo seu irmão de Londres.

Um deputado conservador, avistando-o no salão da opera, lhe dirigiu a palavra.

— Boa noite, senhor barão: como está?

— Assim, assim.

— E a senhora baroneza?

— Que tendes vós com isso? (respondeu brutalmente o judeu, voltando-lhe as costas).

Ignora-se o motivo por que desde 1822 a Austria tem em Paris por seu consul geral este delicado homem, que recebendo um dia o conde de Appony, embaixador de Vienna, teve a insolencia de o deixar em pé.

D'outra vez, tendo á sua mesa o principe Paulo de Wurtemberg, que lhe fizera a honra de acceitar um jantar, deu-lhe na cabeça tomar de repente com esta alta personagem um tom de completa familiaridade.

— Paulo (lhe disse) quereis que vos sirva d'este *chaud-froid?*

O principe levantou a cabeça, olhou para o filho de Moysés, e não respondeu. Rothschild sem se transtornar tornou á mesma phrase.

— Paulo, quereis que vos sirva....

— Ó lá, tratante (exclamou o principe, voltando-se para o seu caçador, que estava em pé por de traz d'elle) não ouves que o senhor barão falla comtigo?

E levantando-se logo abandonou a mesa.

Quando o nosso financeiro recebe injurias d'este genero, provocadas pela sua tolice, fica um instante penalisado, mas pouco depois torna á antiga fatuidade, e esfregando as mãos costuma dizer:

— Oh!... oh!... tenho dinheiro!... Elles voltarão!

Suspendamos por um pouco as anecdotas: deixemos de parte o estudo do caracter, e voltemos á existencia official do principe do banco.

A historia secreta da primeira metade do reinado de Luiz Filippe é livro que está por escrever. Quem conhecesse bem a vida e os actos de Rothschild, escrevel-o-hia melhor que ninguem. Assim, ahi por 1839, por exemplo, na epocha da coalisão, era o financeiro quem dava a chuva, e o bom tempo. As Tulherias entretinham com a rua Laffitte as mais ternas relações. O duque de Montpensier convidava a menina Carlota Rothschild a interminaveis contradanças, e lhe achava mil attractivos vencedores.

Quando Bertin-senior morreu, offereceram o *Jornal dos Debates*, e a sua elastica redacção, ao rei das finanças, que nem ao menos se dignou dar a somma necessaria ao deposito, para ter uma folha periodica ás suas ordens. Esta sua recusa foi origem da fortuna diplomatica do marquez de Lavalette.

(Continúa).

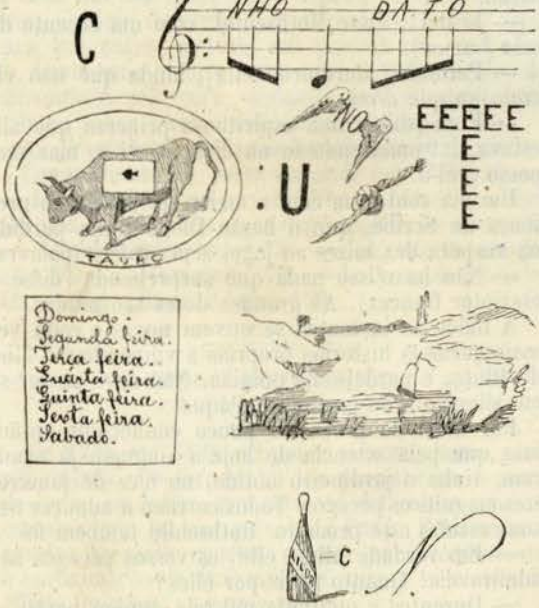
VESTIR FATO ALHEIO.

Na China e na Tartaria não ha repugnancia em cada um se servir do vestuario dos outros. Quem tem de fazer uma visita de ceremonia, ou de ir a qualquer festa, vae sem constrangimento a casa do visinho pedir emprestado um chapeo, umas calças, meias, sapatos, etc. Ninguem estranha estes pedidos, consagrados pelo uso, e só a alguns repugnam, pelo receio de que lhes vão vender o fato, ou empenhal-o no tang-pu ou monte de piedade, estabelecimentos que abundam n'aquelles paizes.

Quem precisa fornecer-se de fato ou calçado, indifferentemente o compra novo ou velho; só ao preço é que se attende, segundo as posses do comprador. Vestir os calções ou a cabaia que já serviu a outros, é para estas gentes, pouco escrupulosas em pontos d'aceio, o mesmo que habitar uma casa que já teve outros inquilinos.

C.

ENIGMA PITTORESCO.



LISBOA — Typographia de Castro & Irmão, Rua da Boa-Vista 4 B